

# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES



# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão

---

*Textos*

---

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins  
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.  
Tiragem: 500 exemplares  
Depósito Legal: 433460/17  
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses  
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial



# Índice

- 15 Editorial  
José Morais Arnaud
- 1. Historiografia**
- 19 Arqueólogos Portugueses  
Jacinta Bugalhão
- 33 A arqueologia nacional: valores de referência  
Gertrudes Branco
- 41 De Chão de Minas (Loures) a Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa):  
Breve balanço de um ciclo de vida em estudos Pré-Históricos  
Vitor Oliveira Jorge
- 51 A emergência da arqueologia processual em Portugal: a teoria e o método  
(1968-2000). Uma introdução  
Daniel Carvalho / Mariana Diniz
- 63 Francisco António Rodrigues de Gusmão: a Arqueologia, a Epigrafia e o Património  
Pedro Marques
- 75 História das investigações dos hipogeus em Portugal  
Cátia Saque Delicado
- 87 «Porque havemos de deixar nas mãos de especialistas estrangeiros perspectivas que  
tanto nos dizem respeito?». A colaboração arqueológica internacional no Portugal  
dos anos 50-60 do século XX: tradições, inovações e contradições  
Ana Cristina Martins
- 2. Estudo e valorização**
- 101 Musealização do sítio arqueológico da Foz do Enxarrique: do projeto à obra feita  
Luís Raposo / Mário Benjamim
- 113 Projeto de estudo do património histórico-arqueológico de Vouzela (Viseu):  
objetivos e primeiros resultados  
Manuel Luís Real / António Faustino Carvalho / Catarina Tente
- 125 Castro de Guifões (Matosinhos) – das primeiras notícias aos resultados  
preliminares de um projecto de investigação  
Andreia Arezes / José Manuel Varela
- 137 O projeto Castr'uíma (Vila Nova de Gaia, 2010-2015): elementos e reflexões para  
um balanço prospetivo  
António Manuel S. P. Silva / J. A. Gonçalves Guimarães / Filipe M. S. Pinto / Laura Sousa /  
Joana Leite / Paulo Lemos / Pedro Pereira / Maria de Fátima Teixeira
- 155 São Salvador do Mundo – o estado da arte!  
André Donas-Botto
- 161 Mértola na Idade do Ferro: primeiros resultados de dois projectos de investigação  
Francisco José García Fernández / Pedro Albuquerque / Maria de Fátima Palma
- 171 Estado atual do conhecimento acerca do povoamento em época romana na Amadora  
Gisela Encarnação / Vanessa Dias

- 185 Arqueologia urbana no concelho de Loures  
Alexandre Varanda
- 195 19 anos de Arqueologia urbana em Machico, Região Autónoma da Madeira  
Isabel Paulina Sardinha de Gouveia / Élvio Duarte Martins Sousa

### **3. Gestão e salvaguarda**

- 209 Paisagens e patrimónios no concelho de Loures: reflexões sobre uma experiência de comunicação em arqueologia, património e história local  
Florbela Estêvão
- 215 Para além da gestão patrimonial: uma nova relação da arqueologia com o território  
Luiz Oosterbeek / Anabela Pereira / Davide Delfino / Elaine Ignácio / Henrique Mourão / Maria Nicoli / Marian Helen Rodrigues / Nelson Almeida / Pierluigi Rosina / Rita Anastácio / Pedro Cura / Sara Cura / Sara Garcês
- 227 A memória como ferramenta de pesquisa e investigação arqueológica  
Alexandra Figueiredo / Ricardo Lopes / Sónia Simões / Cláudio Monteiro / Adolfo Silveira
- 237 A apropriação dos vestígios arqueológicos por parte das comunidades modernas e contemporâneas  
Alexandra Vieira
- 249 Acompanhamento arqueológico em Lisboa – lei, des(ordem) e procrastinação  
Alexandre Sarrazola
- 259 Acompanhamento arqueológico e método. Contributo para o seu enquadramento legal  
Iva João Teles Botelho
- 273 Intervenção arqueológica na Avenida dos Aliados, Porto. O Bairro do Laranjal  
Luís Filipe Coutinho Gomes / Iva Botelho / João André Perpétuo
- 287 Gestão do património arqueológico em intervenções de minimização e salvaguarda  
Leonor Rocha / Gertrudes Branco

### **4. Pré-História**

- 295 O crânio humano Acheulense do Plistocénico médio da Gruta da Aroeira  
Joan Daura / Montserrat Sanz / Juan Luis Arsuaga / Rolf Quam / Dirk L. Hoffmann / Maria Cruz Ortega / Elena Santos / Sandra Gómez / Ángel Rubio / Lucia Villaescusa / Pedro Souto / Filipa Rodrigues / João Maurício / Artur Ferreira / Paulo Godinho / Erik Trinkaus / João Zilhão
- 303 Ocupações Pleistocénicas da margem esquerda do Baixo Minho (Miño/Minho 2).  
Objetivos e primeiros resultados de um projeto transfronteiriço  
João Pedro Cunha-Ribeiro / Sérgio Monteiro-Rodrigues / Alberto Gomes / Eduardo Méndez-Quintas / José Meireles / Alfredo Pérez-González / Manuel Santonja
- 319 Estudo tecnológico de três sítios do Paleolítico médio do centro de Portugal:  
Ribeira da Ponte da Pedra, Santa Cita e Lagoa do Bando  
Sara Cura / Antonella Pedernana / Pedro Cura / Luiz Oosterbeek / Gabriele Luigi Francesco Berruti / Pedro Peça / Rosa Linda Graziano
- 331 O Paleolítico médio de S. Julião da Barra: a indústria lítica dos depósitos  
flúvio-marinhos intervencionados no âmbito da construção do campus  
universitário de Carcavelos  
João Luís Cardoso / Pedro Peça / Raquel Santos
- 341 As indústrias Paleolíticas do Baixo Guadiana: perspetivas para uma investigação  
futura a partir das recolhas de Abel Viana  
Luís Gomes / Alexandre Varanda

- 357 A sequência estratigráfica da Lapa dos Coelhoos: funcionalidade e subsistência ao longo do Pleistocénico superior no sopé da Serra de Aire (Portugal)  
Cristina Gameiro / Simon Davis / Francisco Almeida
- 375 O início do último máximo glacial no Sul de Portugal: novos dados a partir do sítio arqueológico de Vale Boi  
Joana Belmiro / João Cascalheira / Nuno Bicho
- 385 Sobre a definição e interpretação das tecnologias líticas bipolares em contextos pré-históricos  
Pedro Horta / João Cascalheira / Nuno Bicho
- 393 Abrigo da Buraca da Moira, Leiria: resultados preliminares do projeto Ecoplis  
David Nora / Joana Pereira / Patrícia Monteiro / Eduardo Paixão / Sandra Assis / Marina Évora / Carlos Duarte / João Marreiros / Vânia Carvalho / Trenton Holliday / Telmo Pereira
- 403 Existe Azilense em Portugal? Novos dados sobre o tardiglacial e o pré-boreal no Vale do Côa  
Thierry Aubry / Cristina Gameiro / André Santos / Luís Luís
- 419 Reconstruir atividades humanas e formação de contextos conquíferos: microfácies sedimentares do Cabeço da Amoreira (Muge) e das Poças de São Bento (Sado) e o seu potencial interpretativo nos padrões de comportamento humano no Mesolítico  
Carlos Duarte / Ana M. Costa / Vera Aldeias
- 433 Líticos em contexto – tecno-tipologia e distribuição espacial no concheiro mesolítico de Poças de S. Bento (Alcácer do Sal)  
Diana Nukushina / Mariana Diniz / Pablo Arias
- 447 Arqueotematologia e coleções museológicas: estratégias e desafios para o estudo das práticas funerárias do passado  
Rita Peyroteo-Stjerna
- 461 Fossas, fornos ou silos? O contributo do Barranco da Horta do Almada 1 (Beja) para a definição cronológica e funcional das estruturas negativas Mesolíticas e Neolíticas  
Ana Rosa / Mariana Diniz
- 467 Para uma periodização da Pré-História recente do Norte de Portugal: da segunda metade do 4<sup>o</sup> milénio aos finais do 3<sup>o</sup> milénio aC  
Susana Soares Lopes / Ana M. S. Bettencourt
- 489 A gestão do sílex durante o Neolítico médio da Moita do Ourives (Benavente, Portugal)  
Henrique Matias / César Neves
- 505 Tumulações da Pré-História recente do Centro/Norte litoral: o caso das Mamoas do Taco (Albergaria-a-Velha)  
Pedro Sobral de Carvalho
- 519 Anta da Casa da Moura: um monumento megalítico no maciço calcário de Sicó  
Fernando Silva / António Monteiro / Gertrudes Branco / Leonor Rocha
- 529 A arqueologia aérea: métodos e técnicas para a observação de dólmenes. O caso de Mora e Arraiolos  
Arielle Câmara / Leonor Rocha / Teresa Batista
- 541 Intervenção arqueológica no projecto de “Recuperação e valorização da Anta do Carrascal” (Aigualva, Sintra)  
Patrícia Jordão / Pedro Mendes / Cláudia Relvado
- 557 O uso do crânio em rituais da Pré-História  
Carlos Didelet

- 563 Novos dados sobre as ocupações Neolíticas do centro de Lisboa  
Helena Reis / Tiago do Pereiro / Nelson Cabaço / Rui Ramos / António Valera
- 575 As galerias de mineração de sílex de Campolide e o seu contexto Europeu.  
Comparações e análise  
Eva Leitão / Carlos Didelet / Guilherme Cardoso
- 581 O povoamento Neolítico em Avis: uma análise preliminar dos dados  
disponíveis  
Ana Cristina Ribeiro
- 591 Vila Nova de São Pedro (Azambuja), no 3º milénio, um sítio Calcolítico  
no ocidente peninsular – contributos para um debate  
Mariana Diniz / Andrea Martins / César Neves / José Morais Arnaud
- 605 A ocupação humana do III milénio a.C. do Cabeço da Ervideira (Alcobaça)  
João Pedro Vicente Tereso / Rita Gaspar / Cláudia Oliveira
- 619 O conjunto de pedra lascada da Ota: questões tecnológicas e socioeconómicas  
Ana Catarina Basílio / André Texugo Lopes
- 631 “TO com cachet”: as eventuais cabanas subterrâneas do recinto de fossos  
do Porto Torrão  
Filipa Rodrigues
- 647 Potes para os mortos: ritual funerário e tecnologia cerâmica em contexto megalítico  
Nuno Inácio
- 661 Os componentes de tear no Castelo de Pavia  
Liliana Teles / Leonor Rocha
- 671 Reflexão acerca dos cossoiros e da fiação nos contextos calcolíticos do Sudoeste  
da Península Ibérica, partindo do sítio de São Pedro (Redondo)  
Catarina Costeira
- 687 Broken Arrow: as pontas de seta dos povoados de São Pedro (Redondo,  
Alentejo central)  
Rui Mataloto / Diana Nukushina / Catarina Costeira
- 705 A pedra lascada nos *tholoi* do baixo Alentejo interior: notas preliminares  
de casos de estudo  
Ricardo Russo / Ana Catarina Sousa
- 723 Exploração de recursos aquáticos no final do Neolítico e Calcolítico: breve  
revisão do registo faunístico  
Sónia Gabriel / Cláudia Costa
- 741 Contributos para o conhecimento da componente animal dos recintos  
de fossos calcolíticos. A fauna vertebrada de Montoito 2  
Cláudia Costa / Rui Mataloto
- 753 Entre vales e escarpas. Estudo da fauna recuperada na Lapa da Mouração  
(Porto de Mós, Leiria)  
Ana Beatriz Santos / Cátia Saque Delicado
- 765 Reconstrução paleoambiental da margem Norte do rio Tejo através da análise  
*multiproxy* de sedimentos recolhidos em contexto de obra com achados  
arqueológicos  
Ana M. Costa / M<sup>ª</sup>. Conceição Freitas / Vera Lopes / César Andrade / Jacinta Bugalhão /  
Pedro Barros
- 781 Análise preliminar dos padrões de localização das grutas com arqueologia  
do centro e Sul de Portugal  
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves / João Cascalheira

## 5. Proto-História

- 795 Contextos e práticas funerárias da Idade do Bronze na bacia hidrográfica do rio Ave (Noroeste de Portugal)  
Hugo Aluai Sampaio
- 809 A necrópole da Idade do Bronze do Corvilho (Santo Tirso): novos dados para a sua contextualização cronológica  
Hugo Aluai Sampaio
- 819 Povoado de São Lourenço. Novos dados. Castro Daire, Viseu (CNS 5114)  
Vitor Manuel da Silva Dias
- 833 O enterramento da Idade do Bronze da Gruta das Redondas (Carvalhal de Aljubarrota): um contributo para o estudo do Bronze antigo na Estremadura atlântica  
João Carlos Senna-Martinez / Elsa Luís / Rita Matos / Pedro Valério / Maria de Fátima Araújo / João Tereso / Isabel Costeira
- 849 O sítio de fossas da Horta do Cabral 6. Contribuição para o conhecimento da Idade do Bronze na região do Torrão (Alcácer do Sal, Portugal)  
Henrique Matias / Marco António Andrade / Cláudia Costa / Hugo Aluai Sampaio / Inês Simão / António Monge Soares / Rui Monge Soares / Patrícia Monteiro
- 865 Estudo paleoetnobotânico do Crasto de Palheiros na Idade do Ferro – uma análise carpológica  
Margarida Isabel Leite / João Pedro Tereso / Maria de Jesus Sanches
- 877 A comparação como ferramenta de estudo de processos de representação e interação: o caso de “Tartessos”  
Pedro Albuquerque
- 887 Produções cerâmicas de inspiração grega no vale do baixo Tejo  
Elisa de Sousa / João Pimenta
- 897 O metal de base cobre dos objectos de uso pessoal em sepulturas da I Idade do Ferro do Monte Bolor 1-2 (Beja)  
Pedro Valério / Maria Fátima Araújo / António M. Monge Soares / Rui Soares / Lídia Baptista
- 907 A Azougada (Moura) e o sistema metrológico da Idade do Ferro pós-orientalizante do baixo e médio Guadiana  
Ana Sofia Antunes
- 929 Os ossos trabalhados do Castro da Azougada (Moura, Portugal)  
Mariana Nabais / Rui Soares
- 943 Janelas abertas sobre a Idade do Ferro: os queimadores de Mesas do Castelinho (Almodôvar)  
Susana Estrela
- 955 O sítio arqueológico do Espigão das Ruivas (Cascais)  
José d’Encarnação / Guilherme Cardoso

## 6. Arte Rupestre

- 969 E depois do Côa? A investigação de arte rupestre em Portugal desde 1995. Parte 1: a Sul do Tejo  
Andrea Martins
- 991 Isto não é um afloramento! É uma rocha de arte rupestre. . . factores potenciais de escolha de superfícies de arte rupestre na fase antiga Paleolítica da Arte do Côa.  
António Batarda Fernandes

- 1003 A arte rupestre da Gruta do Escoural – novos dados analíticos sobre a pintura Paleolítica  
António C. Silva / Guilhem Mauran / Tânia Rosado / José Mirão / António Candeias / Carlos Carpetudo / Ana Teresa Caldeira
- 1021 A arte megalítica da Mamoa 1 do Taco (Albergaria-a-Velha, Aveiro).  
Novos resultados  
Lara Bacelar Alves / Pedro Sobral de Carvalho
- 1037 O Monte Faro – uma paisagem icónica da arte Atlântica Peninsular  
Lara Bacelar Alves / Mário Reis
- 1053 Gravuras rupestres do Noroeste Português para além das artes Atlântica e Esquemática  
Ana M. S. Bettencourt
- 1069 O conjunto de gravuras rupestres de Santo Adrião (Caminha, Portugal).  
Embarcações, armas, cavalos e ex-votos  
Manuel Santos-Estévez / Ana M. S. Bettencourt
- 1085 Uma abordagem “multi-proxy” aplicada à conservação do sítio de arte rupestre de Cobragança, Mação, Portugal  
Sara Garcês / Hugo Gomes / Vera Moleiro / Hugo Pires / Flávio Joaquim / Anabela Pereira / Luiz Oosterbeek

## 7. Antiguidade Clássica e Tardia

- 1099 O projecto de investigação sobre a ocupação humana em torno da Aldeia de Pegarinhos (Alijó) – em busca das origens da romanização do Douro  
Tony Silvino / Pedro Pereira
- 1109 O *corpus* dos mosaicos romanos do *conventus bracaravgvstanvs*  
Fátima Abraços / Licínia Wrench / Cátia Mourão / Filomena Limão / Jorge Tomás García
- 1123 Vestígios de transformação de produtos no concelho de Castelo de Vide (Portalegre, Portugal) – inseridos no povoamento rural romano  
Sílvia Monteiro Ricardo
- 1137 Novos dados sobre a ocupação de época Romana Republicana da necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal): o espólio metálico  
Francisco B. Gomes
- 1149 Reflexões em torno da jazida arqueológica Torre Velha 1 e a sua relação com o espaço e dinâmicas ocupacionais envolventes  
Teresa Ricou Nunes da Ponte
- 1163 A ocupação Romana do Monte dos Toirais, Montemor-o-Novo. Um exemplo de arqueologia preventiva no contexto dos finais dos anos 90 (séc. XX)  
Jorge Vilhena / Carolina Grilo
- 1177 A actuação votiva dos grupos de origem servil no Sul da Lusitânia  
Sílvia Teixeira
- 1185 Ataegina uma Divindade Peninsular  
Cristina Lopes
- 1193 Espólio de cerâmicas finas romanas e separadores dos fornos do Morraçal da Ajuda (Peniche, Portugal)  
Eurico Sepúlveda / Guilherme Cardoso / Catarina Bolila / Severino Rodrigues / Inês Ribeiro
- 1205 As «marcas de oleiro» na *terra sigillata* de Vale de Tijolos (Almeirim) e as dinâmicas comerciais no *ager scallabitanvs* durante o principado  
Rodrigo Banha da Silva / João Pimenta / Henrique Mendes

- 1219 Evidências de um espaço funerário. Vestígios de uma necrópole romana às portas de Scallabis  
Carlos Boavida / Tânia Manuel Casimiro / Telmo Silva
- 1229 *¿Requiescat in pace?* Abordagem transdisciplinar a possíveis casos de enterramentos atípicos identificados na necrópole Noroeste de Olisipo  
Sílvia Casimiro / Francisca Alves Cardoso / Rodrigo Banha da Silva / Sandra Assis
- 1243 O espaço de necrópole Romana das Portas de Santo Antão, Lisboa  
Nelson Cabaço / Alexandre Sarrazola / Rodrigo Banha da Silva / Liliana Matias de Carvalho / Marina Lourenço
- 1255 Pintura mural na Travessa do Ferragial, Lisboa  
Raquel Henriques / António Valongo
- 1265 Aspetos construtivos do Teatro Romano de Lisboa: matérias-primas e técnicas edificativas  
Lídia Fernandes
- 1279 Um contexto cerâmico e vítreo da primeira metade do séc. III d.C. do Palácio dos Condes de Penafiel (Lisboa)  
Raquel Guimarães / Rodrigo Banha da Silva
- 1293 Contextos Romanos identificados na frente ribeirinha de Lisboa  
Helena Pinheiro / Raquel Santos / Paulo Rebelo
- 1305 As ânforas Romanas da nova sede da EDP (Lisboa)  
José Carlos Quaresma / Rodrigo Banha da Silva / José Bettencourt / Cristóvão Fonseca / Alexandre Sarrazola / Rui Carvalho
- 1317 As ânforas de tipo *la Orden* na Lusitânia meridional: primeira leitura, importância e significado  
Rui Roberto de Almeida / Carlos Fabião / Catarina Viegas
- 1331 Combustível para um forno: dinâmicas de ocupação de um espaço em Monte Mozinho (Penafiel) a partir de novos dados arqueobotânicos  
Filipe Costa Vaz / Luís Seabra / João Pedro Tereso / Teresa Pires de Carvalho
- 1347 A necrópole de Alcoitão no contexto das práticas funerárias alto-Medievais do concelho de Cascais  
Catarina Meira
- 1359 Paisagem e estratégias do povoamento rural Romano e Medieval no troço médio do vale do Guadiana  
João António Ferreira Marques
- 1379 Mértola na Antiguidade Tardia. A topografia histórica  
Virgílio Lopes

## 8. Época Medieval

- 1393 Evolução da estrutura urbana de Santarém entre os séculos VIII e XIII: uma análise macroscópica a partir da localização das necrópoles Islâmicas  
Marco Liberato / Helena Santos
- 1405 O povoamento rural Islâmico na *kura* de Alcácer do Sal: breve análise da toponímia  
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1417 Manifestações lúdicas na cerâmica do *gharb al-Andalus*  
Maria José Gonçalves / Susana Gómez Martínez / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Ana Sofia Gomes / Isabel Inácio / Marco Liberato / Constança dos Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco / Catarina Coelho

- 1431 Estuques decorados Islâmicos, do século XI, do castelo de Silves  
Rosa Varela Gomes
- 1443 O sistema defensivo Medieval de Tavira – elementos ocultos por entre o casario  
Jaquelina Covaneiro / Sandra Cavaco / Fernando Santos / Liliana Nunes
- 1455 A Porta de Almedina (Coimbra): observações no âmbito da recuperação  
de fachadas na Torre de Almedina  
Sara Oliveira Almeida
- 1469 A minha boca conta uma história: abrasão dentária e a sua relação com  
actividade e hábitos pessoais numa amostra Portuguesa de época Medieval/  
Moderna  
Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1481 Estudo arqueobotânico do povoado alto-Medieval de S. Gens: perspetivas  
sobre a exploração de recursos lenhosos e agrícolas  
Cláudia Oliveira / Ana Jesus / Catarina Tente / João Pedro Tereso
- 1495 Adornos de cavalo da época Medieval, provenientes das escavações do Castelo  
de Almourol (1898)  
Maria Antónia Athayde Amaral
- 1513 As marcas de canteiro da Sé de Lisboa  
Sofia Silvério
- 1523 O comércio Medieval de cerâmicas importadas em Lisboa: o caso da Rua  
das Pedras Negras nº 21-28  
Filipe Oliveira / Rodrigo Banha da Silva / André Bargão / Sara Ferreira
- 1539 Construções em taipa de época Medieval e Moderna: o exemplo do Chiado  
Vanessa Mata / Nuno Neto / Paulo Rebelo
- 1551 Rua do Arsenal 148, Lisboa. Resultados da escavação arqueológica  
António Valongo
- 1567 Caracterização da ocupação Tardomedieval na Rua da Prata 221-231 e Rua  
dos Correiros 158-168, Lisboa  
Filipe Oliveira / João Miguez / Catarina Furtado / Cláudia Costa
- 1581 Breve apontamento sobre a Cerca (“velha”) Medieval de Lagos  
Ana Gonçalves / Elena Mórán / Ricardo Costeira da Silva
- 1595 Aveiro em Quatrocentos: evidências materiais de um período (ainda) pouco  
conhecido junto ao Mosteiro de Jesus (Aveiro, Portugal)  
Ricardo Costeira da Silva / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1611 Resultados da intervenção arqueológica realizada nos nºs 54 a 58a da Rua  
Direita, em Óbidos  
Helena Santos / Marco Liberato / Romão Ramos

## **9. Época Moderna e Contemporânea**

- 1627 A cozinha e a mesa a bordo da fragata Portuguesa Santo António de Taná  
(Mombaça, 1697): estudo de objectos metálicos e em madeira  
Inês Pinto Coelho / Patrícia Carvalho / André Teixeira
- 1641 Resultados preliminares da primeira campanha da missão arqueológica  
Portuguesa em Sharjah (EAU). Escavação arqueológica em Quelba/Kalba  
Mário Varela Gomes / Rosa Varela Gomes / Rui Carita / Kamyar Daryoush Kamyab
- 1657 Novos dados acerca das formas de pão-de-açúcar: o caso do estudo das formas  
descobertas na Rua Afonso de Albuquerque, Peniche (centro de Portugal)  
Adriano Constantino

- 1667 A ala nascente do claustro do Convento de Jesus de Setúbal: resultados da intervenção arqueológica de 2015/2016  
Nathalie Antunes-Ferreira / Maria João Cândido
- 1675 Os bens terrenos da Igreja da Misericórdia (Almada) – séculos (XVI-XVIII)  
Vanessa Dias / Tânia Manuel Casimiro / Joana Gonçalves
- 1691 Cerâmicas Quinhentistas vidradas de um poço Medieval da Praça da Figueira (Lisboa)  
Ana Isabel Barradas / Rodrigo Banha da Silva
- 1703 O sítio dos Lagares (Lisboa): um espaço pluricultu(r)al  
Mónica Ponce / Filipe Oliveira / Tiago Nunes / Marina Pinto / Marina Lourenço
- 1715 Uma olaria na Rua das Portas de Santo Antão (Lisboa) – séculos XV e XVI  
Guilherme Cardoso / Luísa Batalha / Paulo Rebelo / Miguel Rocha / Nuno Neto / Sara Brito
- 1731 Evidências de produção oleira nos séculos XVI e XVII no Largo das Olarias, Mouraria (Lisboa)  
Anabela Castro / Nuno Amaral de Paula / Joana Bento Torres / Tiago Curado / André Teixeira
- 1751 Os silos do Palácio de Santa Helena (Lisboa)  
Luísa Batalha / Nuno Neto / Pedro Peça / Sara Brito / Guilherme Cardoso
- 1767 Estruturas Pré-Pombalinas e espólio associado no Pátio José Pedreira (Rua do Recolhimento e Beco do Leão, freguesia Santa Maria Maior)  
Anabela Joaquinoto
- 1781 Policromias e padrões: azulejos “de aresta” e “de corda-seca” do Palácio dos Condes de Penafiel, Lisboa (séculos XV-XVI)  
André Bargão / Sara Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1795 O contexto do poço do claustro SO do Hospital Real de Todos-os-Santos: os contentores para líquidos  
Rita Neves Silva / Rodrigo Banha da Silva
- 1809 A cerâmica Italiana dos séculos XV e XVI do Largo do Jogo da Bola em Carnide, Lisboa  
Catarina Felício / Filipe Sousa / Raquel Guimarães / André Gadanho
- 1821 Dos objectos inúteis, perdidos ou esquecidos. Os artefactos metálicos do Largo do Coreto (Carnide, Lisboa)  
Carlos Boavida
- 1835 Uma lixeira nas Casas Nobres do Infantado  
Tânia Manuel Casimiro / António Valongo
- 1849 Os potes *martaban* provenientes da antiga Ribeira Velha, Lisboa  
Mariana Mateus / Inês Simão / Filipe Oliveira / Rita Souta
- 1863 Cerâmica Portuguesa azul sobre azul – séculos XVI e XVII  
Luís Filipe Vieira Ferreira / Isabel Ferreira Machado / Tânia Manuel Casimiro
- 1873 Portas de madeira reutilizadas em cofragens de época Pombalina (Campo das Cebolas, Lisboa)  
Cristóvão Fonseca / João Miguez / José Bettencourt / Teresa Quilhó / Inês Simão / Mariana Mateus / Teresa Freitas
- 1891 O conjunto de selos de chumbo proveniente do Campo das Cebolas, Lisboa  
Inês Simão / João Miguez
- 1901 Da Ribeira Velha ao Campo das Cebolas. Alguns dados sobre a evolução da frente ribeirinha de Lisboa  
Inês Simão / João Miguez / Marta Macedo / Teresa Alves de Freitas / Cristóvão Fonseca / José Bettencourt

- 1915 A dimensão marítima do Boqueirão do Duro (Santos, Lisboa) nos séculos XVIII e XIX: primeiros resultados arqueológicos  
Marta Lacasta Macedo / Inês Mendes da Silva / Gonçalo Correia Lopes / José Bettencourt
- 1925 Arqueotematologia Moderna/Contemporânea: práticas funerárias e cronologia relativa no adro da Igreja de Santa Maria dos Anjos, Valença  
Luís Miguel Marado / Luís Fontes / Francisco Andrade / Belisa Pereira
- 1933 Fragmentos do quotidiano no Terreiro do Real monumento de Mafra (1717-2017)  
Ana Catarina Sousa / Marta Miranda / Ricardo Russo / Cleia Detry / Tânia Manuel Casimiro
- 1953 O projecto Muge 1692: entre a arqueologia da arquitectura e a reconstrução virtual  
Gonçalo Lopes
- 1967 A flora arqueológica da Quinta do Medal (Mogadouro) e a exploração de recursos vegetais durante os séculos XVIII/XIX no Vale do Sabor  
Leonardo da Fonte / João Tereso / Paulo Dordio Gomes / Francisco Raimundo / Susana Carvalho
- 1979 Os vidros de Baía da Horta 1 (Ilha do Faial, Açores) enquanto vector de interpretação de um contexto disperso  
Tiago Silva / José Bettencourt
- 1993 Baía da Horta 6 (BH-006): um provável naufrágio Americano do século XIX  
José Bettencourt / Teresa Quilhó / Cristóvão Fonseca / Tiago Silva
- 2011 A ferro e fogo – a Fundação Vulcano & Collares, Lisboa  
João Luís Sequeira / Inês Mendes da Silva
- 2023 Projecto Casa Museu Fialho de Almeida, Cuba – valorização do território e arqueologia preventiva, resultados do acompanhamento arqueológico  
Francisca Bicho / Luís Fialho / Consuelo Gomes / Teresa Ricou

# O ESPAÇO DE NECRÓPOLE ROMANA DAS PORTAS DE SANTO ANTÃO, LISBOA

Nelson Cabaço<sup>1</sup>, Alexandre Sarrazola<sup>2</sup>, Rodrigo Banha da Silva<sup>3</sup>, Liliana Matias de Carvalho<sup>4</sup>, Marina Lourenço<sup>5</sup>

## RESUMO

No nº 84 a 90 da Rua das Portas de Santo Antão foi identificado um espaço de necrópole que vem contribuir de forma muito significativa para o estado atual dos nossos conhecimentos relativo à ocupação romana de Lisboa. Uma abordagem mais específica orientada para as suas práticas funerárias e associadas evidências materiais permite o enquadramento deste contexto nos séculos III a inícios do IV d.C., época de importantes transformações na organização urbana de Olisipo.

**Palavras-chave:** Olisipo, Necrópole, Período Romano, Séculos III d.C..

## ABSTRACT

On the n's 84 to 90 of Rua das Portas de Santo Antão, in Lisbon, during a building requalification project, funerary contexts of the roman period were identified. Those contexts enclose a remarkable contribution to our knowledge about the roman occupation of Lisbon, especially about the funerary practices. The archaeological materials had allowed us to insert these tombs on the III to early IV cs. A.D., for the most, a period of important transformations of the urban organization of Olisipo.

**Keywords:** Olisipo, Necropolis, Roman Period, III century A.D..

## 1. INTRODUÇÃO

Os trabalhos arqueológicos realizados no âmbito da reabilitação do edifício localizado na Rua das Portas de Santo Antão n.ºs 84 a 90, em Lisboa, foram executados pela Era-Arqueologia, tendo permitido a identificação de aterros de cronologia moderna/contemporânea, relacionados com a construção do edifício, importando, convindo ressaltar aqui a deteção de um espaço de necrópole de período Romano, e níveis de escorrência que continham material enquadrável na Pré-história Recente (Figura 1).

## 2. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO-CRONOLÓGICO

No que respeita a intervenções arqueológicas próximas ao local da presente intervenção, importa refe-

rir, desde logo, as ações de Irisalva Moita motivadas pelas obras de extensão do metropolitano, em 1960, 1961 e inícios de 1962, no Rossio, na Praça da Figueira e noutros locais das imediações (MOITA, 1968). A riqueza dos vestígios arqueológicos desta zona da cidade já era conhecida, uma vez que em 1953 fora identificada a escadaria da Igreja de Todos-os-Santos na loja “Irmãos Unidos”, que se localizava entre a Praça da Figueira e o Rossio. O Hospital Real de Todos-os-Santos, que funcionou entre os séculos XVI e XVIII, foi erigido a partir de 1492 (final do reinado de D. João II) em terrenos obtidos ao Convento de São Domingos, tendo Moita conduzido uma extensa escavação do remanescente entre agosto e setembro de 1960. O acompanhamento das obras na Praça da Figueira prosseguiu, entre 1961 e o início de 1962, pela mão da mesma olisipógrafa (Idem). Em 1961 Moita descobriu no subsolo do Rossio uma

1. Era-Arqueologia; nelsoncabaco@era-arqueologia.pt

2. Era-Arqueologia; alexandresarrazola@era-arqueologia.pt

3. CAL-CML; CHAM-FCSH da UNL e UAç; rodrigo.banha@cm-lisboa.pt

4. CIAS – Centro de Investigação em Antropologia e Saúde (Universidade de Coimbra); liliana\_m\_carvalho@yahoo.com.br

5. Era-Arqueologia; mar.lourenco22@gmail.com

estrutura de grandes dimensões de época romana, que só em 1994 seria devidamente identificada como a *spina* do circo de *Olisipo*, aquando do retomar das escavações que lhe exumaram também parte da arena (SEPÚLVEDA, VALE, SOUSA, SANTOS, GUERREIRO, 2002: 245-246).

Entre os anos 1961 e 2002 foi identificada a Necrópole Noroeste de *Olisipo*, dispersa por uma área que abrange desde a Praça da Figueira ao Largo de São Domingos, Encosta de Santana e Calçada do Garcia. Irisalva Moita recolhera, em 1961, de forma avulsa, epigrafia funerária e artefactos provenientes de sepulturas de incineração romanas, tendo-lhe permitido assinalar um total de vinte e seis cremações, para tomar a iniciativa de uma primeira escavação em cinco dias de fevereiro de 1962 (SILVA, 2005: 9-10), uma vez que os trabalhos desenvolvidos até então no quadro da extensão da rede do metropolitano eram somente de acompanhamento (VALE e FERNANDES, 2002: 109-121).

A partir dos inícios de fevereiro de 1962 procedeu-se ao salvamento do remanescente da necrópole romana, agora mediante uma escavação arqueológica, sistemática, dirigida por Ferreira Bandeira (SILVA, 2005: 10). No seguimento destes trabalhos foi possível identificar uma via romana, em torno da qual se organizava a necrópole (SILVA, 2005, 2012). As escavações arqueológicas permitiram ainda a identificação de estruturas de dois monumentos a este da via e de outros compartimentos a oeste, como diversos contextos funerários, de incineração e inumação (Idem).

Entre 1999 e 2001, no âmbito da construção do parque de estacionamento subterrâneo da Praça da Figueira, procedeu-se à escavação integral desta área, trabalhos a cargo do Museu da Cidade de Lisboa sob a direcção de um dos autores (RBS), coadjuvado pontualmente por Marina Carvalhinhos.

Desta escavação resultou a identificação de cinco grandes momentos cronológicos no espaço: o Hospital de Todos os Santos (Época Moderna), a ocupação da Baixa Idade Média, do período de dominação islâmica, os níveis romanos e Antiguidade Tardia e, por fim, da Idade do Bronze Final.

Embora não tenha sido então possível determinar a extensão original da necrópole, a intervenção permitiu entrever um limite mínimo a norte, tendo por base as sepulturas e epígrafes exumadas no Largo de São Domingos nos finais do séc. XIX, e as sepulturas identificadas na Calçada do Garcia, nos meados

daquele século (SILVA, 2002). A sul, a intervenção de 1999/2001 pode apenas comprovar a continuidade do espaço funerário para além da “zona mediana da praça atual”, visto estar circunscrita à estrutura do parque em construção.

Limitada a oeste pelo circo, a necrópole desenvolvia-se em torno da via antes identificada por Bandeira Ferreira em 1962, e de um divertículo para nascente que percorria a meia encosta nascente da Colina de Santana (MURALHA, COSTA e CALADO, 2002), à qual estariam associadas as sepulturas da Calçada do Garcia, bem como outras datadas dos séculos I ao III/IV d.C., reveladas nas escavações da Encosta de Santana em 2002 (Idem) e, depois, aquando da retoma das escavações em 2004 (agradecemos a informação aos responsáveis, Manuela e Vasco Leitão). Este caminho secundário estaria ligado à “Via Norte” na zona do Largo de S. Domingos.

A “Via Norte” seria a linha estruturante da própria necrópole, tendo sido observada uma hierarquização do próprio espaço funerário em função da proximidade a este caminho principal (SILVA, 2005, 2012).

As escavações da Praça da Figueira de 1999-2001 permitiram definir cinco momentos distintos para o período romano e da Antiguidade Tardia, definidos pelo carácter da ocupação do espaço (SILVA, 2005: 38-58):

1ª Fase – a presença dos materiais líticos e cerâmicos é atribuível à Idade do Bronze Final, mas também alguns elementos de cerâmicas atribuíveis à Idade do Ferro e um fragmento de cerâmica campaniense remetem para uma primeira cronologia da ocupação romana do espaço, situável entre o século II a.C. e o segundo terço do século I a.C., já dentro do período de dominação romana de *Olisipo*.

2ª Fase – período de “instalação do primeiro urbanismo alto imperial”, verificando-se uma maior dinâmica na estruturação do espaço, que se caracteriza principalmente com a construção da primeira pavimentação da “Via Norte” de *Olisipo*. Tendo sido identificada outra via, perpendicular à anterior, sendo uma via secundária que serviria mais tarde de acesso ao circo e a outras estruturas, e um muro que delimitaria a Norte esta via de menor entidade, com uma construção semelhante aos primeiros muros encontrados.

3ª Fase – Corresponde aos espaços de utilização funerária intensiva, junto à “Via Norte”, desenvolvendo-se de uma forma estruturada em seu redor. Esta fase equivale ao funcionamento da necrópole “monu-

mentalizada”, causa de um fenómeno de transformação do ritual da morte ocorrido a partir dos finais da República em muitas cidades da Hispânia em finais do período Republicano, mas principalmente no início dos principados dos Júlios-Cláudios, elemento que remete os inícios da necrópole para o principado de Cláudio (SILVA, 2012).

A “Via Norte” seria a linha estruturante da necrópole, à exceção dos sepultamentos junto da “entrada porticada” e do muro. Apesar da inumação ser praticada em *Olisipo* nos finais do século I a.C. e primeiras décadas do I d.C., fenómeno observável na necrópole da Rua dos Correeiros, na “Necrópole NO” da cidade a prática da incineração era aparentemente exclusiva no séc. I d.C. É ainda de referir a utilização constante de alguns edifícios funerários até ao século III d.C.

Num segundo momento, entre os séculos II e III d.C., ocorre um período de acentuação desta monumentalidade na zona da Praça da Figueira, uma ocorrência que tem lugar nas cidades mais romanizadas do ocidente. Ocorre também uma reorientação do troço sul exumado da “Via Norte” (inclinação mais a 30º a NO). É ainda de salientar o encerramento da via secundária com um portão duplo e ferrolhos já no século III d.C., um condicionamento que poderia estar associado à acessibilidade ao circo.

4ª Fase – é um período de “desmonumentalização” da necrópole resultante de ações intensivas e sistemáticas de roubo de pedra, relacionáveis com a construção de um novo sistema defensivo urbano, levando à destruição das arquitecturas funerárias. Tratou-se de um fenómeno rápido, que alguns numismas em estratigrafia permitiram definir o ano de 270 d.C. como data inferior para o seu início, sendo outro indicador de abandono destas estruturas o *bustum* encontrado no centro da via secundária e assinalado com um silhar estucado, exemplo da desativação deste caminho. O espaço continua, todavia, a ser utilizado como espaço funerário, com vários exemplos de cremações e inumações, as últimas amplamente predominantes, provavelmente ao longo do séc. IV d.C.

5ª Fase – esta fase corresponderá ao abandono gradual e lento desta área como espaço de necrópole, numa data imprecisa ainda no século IV d.C. Esta fase da Época Tardo-Romana/Antiguidade tardia corresponderá ainda, nas etapas mais avançadas, ao abandono do próprio espaço da Praça da Figueira, embora tenham sido identificadas seis sepulturas de inumação, maioritariamente de infantis, ainda que

dispersas e dissociadas entre si. A cronologia, destas sepulturas é indeterminável, dada a inexistência de espólio associado.

Nesta última fase se integra ainda a última reforma efetuada à “Via Norte”, a qual terá ocorrido nos finais do séc. IV d.C. ou inícios do século V d.C., de acordo com dois numismas de Arcádio (385-409 d.C.) exumados sob o novo pavimento, em ambos os troços escavados a sul e a norte da Praça. Esta via foi sobreposta por finas camadas areno-argilosas, com poucos materiais, que, contudo, sugerem a utilização do espaço ainda como trajeto viário. Correspondo a toda a área escavada, foi identificada uma unidade estratigráfica uniforme, correspondente a um período deposicional lento, que indicia o momento de definitivo abandono do local, tratando-se do último registo assimilável a estes períodos (SILVA, 2005, 2012).

### 3. CARACTERIZAÇÃO DO NÚCLEO DA NECRÓPOLE DAS PORTAS DE SANTO ANTÃO E RITUAL FUNERÁRIO DOCUMENTADO

O espaço de necrópole agora apresentado revelou 9 sepulturas e uma estrutura que possivelmente teria também função funerária.

Do ponto de vista estrutural os contextos funerários podem ser divididos em dois grupos: sepulturas em covacho alongado (Sepulturas 1, 2, 5, 6 e 9) e sepulturas estruturadas (Sepulturas 3, 4, 7 e 8).

No que concerne às sepulturas estruturadas, estas podem ser divididas em: as que possuíam coberturas com *lateres*, a formar duas águas (Sepulturas 3, 7 e 8), e cobertura realizada com pedras de pequena a média dimensão, que cobriam *lateres* dispostos em V (Sepultura 4). Menciona-se, ainda que as sepulturas 4 e 7 apresentavam características das suas paredes internas distintas relativamente às restantes. A sepultura 4 apresentava as paredes totalmente revestidas com um reboco de cal, branco; já a sepultura 7 apresentava as suas paredes revestidas a argamassa, formando uma pequena “caixa”.

No que se refere ao ritual funerário, podemos inferir que 5 dos indivíduos (sepulturas 1, 2, 5, 6 e 9) teriam sido inumados dentro de caixões de madeira, considerando a disposição e a existência de pregos de grandes dimensões no interior das sepulturas, tendo-se o esquife desintegrado ao longo do tempo. A maioria dos enterramentos era acompanhada por espólio votivo, composto por cerâmica comum (ta-

ças, potes, bilhas, jarros), em *Sigillata* clara africana, lucernas (duas destas decoradas), recipientes em vidro, objetos metálicos, entre estes anéis, numismas, agulhas e uma pinça. Este conjunto material permite-nos enquadrar as presentes sepulturas numa época tardia da ocupação romana de *Olisipo*, mais concretamente em pleno século III d.C. ou, pelo mais, atingindo os inícios do IV d.C. Importa mencionar que os materiais votivos apenas estavam presentes nas sepulturas que continham indivíduos adultos.

Todos os indivíduos foram inumados em decúbito dorsal com os membros superiores em extensão ou suavemente fletidos sobre o abdómen, e os membros inferiores em extensão, seguindo uma orientação Sul-Norte ou Sudeste-Noroeste (Figura 2).

#### 4. COMPONENTE ARTEFACTUAL

Os “mobiliários funerários” das sepulturas das Portas de Santo Antão mostram uma diversidade de composição que deriva de critérios complexos e que importa aferir comparativamente no futuro, onde terão jogado o seu papel fatores tais como *status* (social, económico, ...), género, idade, gentilidade ou a identidade cultural e religiosa.

Sendo o momento presente da investigação do *funus* olisiponense ainda precoce para avaliar desta matéria, a “riqueza” de espólio de algumas sepulturas, de que seguirão elementos ainda de carácter preliminar, sugere a presença de alguns indivíduos dotados de relativa capacidade aquisitiva, a despeito da relativa simplicidade da conformação arquitetónica das sepulturas, em especial do aspeto exterior visível na época.

A **sepultura 1** estava acompanhada por um prato em *terra sigillata* clara africana da forma Hayes 50A/B em C1/2. A variante A está associada a cronologias de 230/240 a 325 d.C. (HAYES, 1972: 72), situando Hayes a variante de transição A/B já a partir de inícios do séc. IV d.C. (Idem: 73), o que é desmentido pelos dados de Miróbriga (QUARESMA, 2012: 175), e por um conjunto também estratigrafado de um contexto do último terço da terceira centúria da Rua do Ouro, também em Lisboa (SILVA e VALONGO, no prelo).

Estas datações são consentâneas com o restante do mobiliário, onde pontuava uma deveras peculiar lucerna de canal de muito grande dimensão (com um diâmetro do reservatório de quase 11 cm), em pasta

regional, com a representação provável, mas muito borrada, de uma divindade feminina de corpo inteiro, uma pequena bilha em pasta regional caulínica, assimilável aos típicos fabricos da olaria da Quinta do Rouxinol (Seixal- SANTOS, 2012), um fundo assente em coroa de pezinhos repuxados de um copo em vidro transparente, assimilável a uma “variante do tipo Isings 34” presente em Balsa e Conímbriga, que segundo Jeanette Smith Nolen deverá remeter para o séc. III d.C. (NOLEN, 1994: 174), e uma taça vítrea da forma Isings 96b, em vidro translucido ligeiramente tingido de verde claro, com decoração de círculos na copa executados a buril. A morfologia de taça em vidro decorada, embora originada no séc. II d.C., é recorrente em contextos do séc. III d.C., quando parece haver um maior cuidado no tratamento do bordo, alvo de polimento como é o caso, característica que parece desaparecer no século seguinte (ISINGS, 1959: 115).

Completando os bens deixados junto do defunto, uma moeda em liga de cobre, ainda por tratar, mas que equivale categoricamente a um *Antoninianus*, unidade monetária emitida a partir de Caracala, em 215, e que irá ser substituída durante a reforma monetária promovida pela tetrarquia, a partir de 294 d.C. Neste sentido, a conjugação de todos os elementos autoriza a situar o sepultamento entre dentro do último terço do séc. III d.C., não ultrapassando os finais da última década desse século (Figura 3).

A **sepultura 2** revelou dois recipientes em vidro transparente, dos quais um de pé em bolacha, inclasificável tipologicamente, e partes de um copo enquadável no tipo Isings 32 (ISINGS, 1959: 46), uma lucerna regional de disco (VIEIRA, 2011), revelada no interior de um pote em cerâmica comum regional depositado aos pés do defunto, conjuntamente com uma tigela de bordo em aba e um pequeno jarro no mesmo fabrico. Junto ao joelho direito foi depositado um pequeno objecto de bronze. Altamente significativo é o achado de dois anéis em liga de cobre, um dos quais ainda na falange do indivíduo.

De um ponto de vista da aferição cronológica, o conjunto de materiais da sepultura 2 encontra paralelos em fabricos regionais dos séculos III à primeira metade do IV d.C., o que é válido para as cerâmicas comuns (SANTOS, 2012) e lucerna (VIEIRA, 2011), tendo a decoração em depressões do copo em vidro Isings 32, paralelo num contexto de cremação do séc. III d.C. da Praça da Figueira, todavia ainda inédito (RBS-inf.pessoal).

A **Sepultura 3** revelou um mobiliário constituído por uma agulha em osso, uma pinça em liga de cobre, dois anéis em liga de cobre, um recipiente em vidro muito degradado, inclassificável por isso, um pote biansado de corpo bi-cónico em cerâmica regional e duas tigelas de bordo em aba no mesmo fabrico. De um ponto de vista da aferição cronológica, assume especial relevo uma moeda, um *Antoninianus* ainda em tratamento de conservação, a lucerna regional de disco, com paralelo em exemplares da Praça da Figueira encontrados em sepulturas da Fase III (VIEIRA, 2011), elementos que configuram uma cronologia de novo dentro do séc. III d.C., possivelmente rondando o segundo e o terceiro quartel da centúria (Figura 4).

A **Sepultura 4** proporcionou a identificação de um mobiliário diversificado, em que uma lucerna de disco regional, datável do séc. III d.C. (VIEIRA, 2011) e os restos de um recipiente em vidro transparente se encontravam no interior de um pote de bordo extrovertido em cerâmica comum regional, depositado um pouco distante dos pés do indivíduo. No exterior deste elemento se identificaram um segundo recipiente vítreo, do tipo AR.60/1 (RÜTTI, 1991: 269), e uma tigela em *terra sigillata* clara africana A do tipo Hayes 14C, forma típica do séc. III d.C. (BONIFAY, 2004: 159). As características destes dois últimos elementos situam de forma categórica o sepultamento dentro do séc. III d.C.

A **sepultura 5**, à semelhança da anterior, revelou um pote em cerâmica comum regional depositado na zona junto aos pés, no interior do qual se veio a identificar uma lucerna regional de disco, do séc. III d.C., com paralelos no núcleo da necrópole da Praça da Figueira (VIEIRA, 2011). Juntamente com este elemento se colocaram um recipiente em vidro transparente, um copo do tipo Isings 35 (ISINGS, 1959: 49-50), uma taça em cerâmica comum regional, e um pequeno potinho em pasta regional caulínica, este último assimilável às produções típicas da olaria da Quinta do Rouxinol, e também enquadrável no séc. III d.C. (Seixal- SANTOS, 2012). Duas moedas, encontradas na zona do tórax, do lado direito deste equivaliam a um sestércio ainda ilegível e a um *Antoninianus*, ambos em processo de conservação.

A **Sepultura 6**, repete os rituais de deposição de mobiliário aos pés do defunto anteriores, onde se contava um pequeno objecto em liga de cobre, três potes biansados de corpo bicónico, em cerâmica comum regional, um pote de bordo extrovertido e

uma pequena bilha de boca trilobada no mesmo fabrico. Reforçando a homogeneidade dos conjuntos funerários, um potinho em cerâmica caulínica da já mencionada olaria romana da Baía do Seixal, marca presença. Duas moedas foram encontradas de permissão com as cerâmicas da sepultura, que parecem equivaler a *Antoniniani* (de novo em curso de tratamento), e uma lucerna regional do tipo Dressel 27-28, morfologia recorrente em contextos lisboetas do séc. III d.C. (VIEIRA, 2011) (Figuras 5 e 6).

A **sepultura 8**, violada na Antiguidade, proporcionou somente a identificação de uma taça em cerâmica comum regional, estando ausentes vestígios osteológicos. Contudo, o seu enquadramento e as práticas de sepultamento encontram paralelo nas restantes do conjunto do núcleo das Portas de Santo Antão, como no da Praça da Figueira, sendo provável uma data de entre o séc. II d.C. avançado e a primeira metade do séc. IV d.C., observações de igual modo válidas para os restos muito afetados da inumação praticada com o recurso a esquife a que se atribuiu a designação de **sepultura 9**.

## 5. ANÁLISE ANTROPOLÓGICA

### 5.1. Tafonomia

Os agentes de tafonomia tiveram um papel de destaque neste contexto. O sedimento com elevado grau de humidade promoveu a deterioração das peças osteológicas mais frágeis (esqueleto axial) bem como das zonas de maior concentração de osso trabecular, levando à desintegração quase completa de alguns esqueletos, nomeadamente os não adultos das sepulturas 5 e 7. A presença de algumas raízes foi igualmente um fator de agressão para o material. Não obstante, os fenómenos de origem antrópica foram os mais adversos à preservação da necrópole. Obras prévias à atual (edifício adjacente) afetaram as sepulturas 6 e 9 em dois terços da sua totalidade e a construção de uma casa de banho destruiu metade da sepultura 8. Outros fatores diretamente relacionados com os trabalhos de estabilidade e segurança da estrutura do edifício afetaram três sepulturas (3, 4 e 6) cada uma foi perfurada por uma viga de metal e injeção de betão líquido. De um modo geral o material osteológico apresenta um estado de preservação muito fragilizado, nomeadamente os dois não adultos (sepultura 5 e 7), dos quais não foram recuperados mais do que fragmentos osteológicos de dimensão muito reduzida.

Destaca-se neste trabalho a estreita relação entre os trabalhos de construção civil e a arqueologia, tendo sido por vezes efetuado de modo intercalado, devido às limitações impostas pela segurança. O melhor exemplo corresponde ao caso da sepultura 1, que deu início à abertura dos trabalhos e decorreu de modo bastante atípico. Visto que a sepultura se encontrava no limite da parede de um nível bastante superior, e na impossibilidade da sua acessibilidade pelos processos habituais, procedeu-se à abertura de uma “janela” no corte que permitiu uma inusitada definição integral do esqueleto (Figuras 7 e 8).

## 5.2. Osteobiografia

O perfil biológico da amostra intervencionada revela um número mínimo de oito indivíduos *in situ*, a sepultura 8 encontrava-se desprovida de qualquer vestígio osteológico humano. Destes, dois correspondem a não adultos possivelmente infantes, tendo em conta as dimensões sepulcrais e o estado de desenvolvimento osteológico dos fragmentos conservados, e quatro adultos (FEREMBACH *et al.*, 1980 e MACLAUGHLIN, 1990). As características morfológicas e métricas observadas enquadram quatro indivíduos nos parâmetros correspondentes ao sexo feminino e dois ao sexo masculino (FEREMBACH *et al.*, 1980; SILVA 1995; WASTERLAIN, 2000 e BRUZEK, 2002), figura 3. A estimativa das estaturas apenas foi exequível em dois indivíduos do sexo feminino, um com aproximadamente 151,94±3,56cm e outro com 156,13±3,56cm e num indivíduo do sexo masculino com uma estatura de cerca de 166,03±3,48cm (OLIVIER *et al.*, 1978) (Figura 9).

Neste conjunto as lesões patológicas identificadas são bastante escassas, em grande parte devido ao mau estado do material, facto que condicionou severamente a sua leitura. Foram registadas lesões de entese ligeiras (CRUBÉZY, 1988) em dois indivíduos, o da sepultura 4, na inserção do deltóide do úmero direito e na inserção do ligamento rotiliano-quadrilátero da patela direita e no indivíduo da sepultura 9, na inserção do ligamento rotiliano-quadrilátero da patela esquerda. A clavícula direita do indivíduo da sepultura 4, apresenta na extremidade esternal uma ligeira depressão circular que poderá estar relacionada com algum tipo de distúrbio circulatório (ORTNER, 2003), de referir ainda a presença do carácter discreto, sutura metópica (HAUSER e DE STEFANO, 1989) no crânio do mesmo.

A análise odontológica revela perda de dentes *post-*

*mortem* nos três indivíduos das sepulturas 1, 3 e 4. O desgaste dentário manifesta-se igualmente nos três indivíduos, com intensidade variável entre os graus 2 e 6 (SMITH, 1984). O tártaro está presente em dois indivíduos, o da sepultura 1, com intensidade média na face bucal e no da sepultura 4, de modo vestigial na linha cimento-esmalte. Encontram-se lesões criogénicas graves apenas no indivíduo da sepultura 1, estando uma delas acompanhada por um quisto periapical. De referir ainda a presença de hipoplasias do esmalte dentário na dentição inferior do indivíduo da sepultura 3.

É imprescindível referir que o estado de preservação do material osteológico, nomeadamente dos indivíduos não adultos, constituiu um forte condicionante para a avaliação dos parâmetros da análise paleobiológica, e que as conclusões aqui apresentadas são apenas fruto do trabalho produzido em campo.

## 6. DISCUSSÃO

A identificação de um núcleo de sepulturas no edifício com os números 84-90 da Rua das Portas de Santo Antão constitui um contributo relevante para o conhecimento da Necrópole Noroeste de *Olisipo* (SILVA, 2002), por comprovar de forma categórica a extensão para norte do uso funerário dos espaços que ladeavam a “Via Norte” de acesso à cidade.

Deverá notar-se, em Portas de Santo Antão, uma homogeneidade mais do que relativa nas práticas funerárias documentadas, onde o ritual de inumação era exclusivo, e o uso do esquife recorrente. Pelo menos num caso, a estrutura negativa não revelou no seu interior restos do indivíduo, circunstância que pode deter uma explicação de natureza pós-deposicional mas pode também, e em alternativa, traduzir tratar-se de sepultamento cenotáfico.

O estudo dos mobiliários associados aos indivíduos permitiu perceber a razão da similitude do *funus* no núcleo, a índole cronológica das sepulturas reveladas, dado que todas as datáveis se situam dentro do séc. III d.C. Acrescente-se que as práticas encontram bons paralelos em sepultamentos seus contemporâneos da Praça da Figueira onde se utilizou esquife, nomeadamente em E2 e GH2 (vide, neste mesmo volume, CARDOSO, CASIMIRO e SILVA).

Todavia, o fator cronológico revela-se insuficiente para explicar a homogeneidade verificada nas práticas funerárias do núcleo das Portas de Santo Antão, pois na Praça da Figueira se documentou um nú-

mero razoável de cremações do séc. III d.C., de tipo *bustum* ou em deposição secundária, ambas utilizando cistas em tijolo para receber os *ossilegia* (SILVA, 2005). Outros fatores terão, assim, de ser convocados, podendo para já sugerirem-se explicações de índole cultural e/ou de parentesco dos inumados, que só outro tipo de análises poderia sustentar. Na Praça da Figueira, os espaços encontravam-se bem delimitados arquitetonicamente, constituindo recintos e/ou monumentos, dado necessariamente resultarem de parcelamentos e vínculos de propriedade privativa. Esta característica não era tão patente no espaço da Encosta de Santana, tanto quanto se pode ler em função da informação disponível (MURALHA, COSTA e CALADO, 2002), o que é também sugerido na mesma zona pelo lacinismo dos elementos referentes à Calçada do Garcia (SILVA, 2002), visto que nas áreas próximas à via secundária ali identificada se não revelaram estruturas análogas, como também as práticas funerárias parece terem sido bem mais descontínuas, dispersas no espaço. Os dados proporcionados nas Portas de Santo Antão não permitiram esclarecer acerca da organização espacial na qual se integravam os sepultamentos, garantidamente praticados na encosta e com alguma proximidade ao trajeto da “Via Norte”. De facto, os elementos compaginados ao longo do grande eixo viário, recorde-se, do Largo de São Domingos e Praça da Figueira (1961, 1962 e 1999-2001), a que agora se junta o núcleo apresentado, era seguramente de densa utilização funerária na zona da Praça, característica que a amostragem presente sugere agora repetir-se bem mais a norte, permitindo entrever uma apreciável extensão para a Necrópole Noroeste de *Olisipo*, afinal a composição de uma determinada “paisagem cultural” na aproximação ao núcleo urbano romano, “clássica”, e verificar a sua permanência até aos finais do séc. III d.C.

## BIBLIOGRAFIA

- BONIFAY, Michel (2004) – *Études sur la céramique romaine tardive d’Afrique*. Oxford: Archaeopress (Col. *British Archaeological Reports, International Series*. 1301).
- BRUZÉK, Jaroslav (2002) – “A method for visual determination of sex, using the human hip bone”, in *American Journal of Physical Anthropology*, 117: 157-168.
- CRUBÉZY, Eric (1988) – *Interactions entre facteurs bio-culturels, pathologie et caracteres discrets: exemple d’une population médiévale. Thèse de Doctorat*. Montpellier, Université de Montpellier.
- FEREMBACH, Denis, *et al.* (1980) – “Recommendations for age and sex diagnosis of skeletons”, in *Journal of Human Evolution*, 9(7): 517-549.
- HAYES, John. W (1972) – *Late Roman Pottery*. Londres: British School at Rome.
- Olivier, Gean-Pierre, *et al.* (1978) – New estimation of stature and cranial capacity in modern man. *Journal of Human Evolution*, 7(6): 513-518.
- ISINGS, Clasina (1959) – *Roman glass from dated finds*. Groningen e Jacarta: Academiae Rheno-Traiectinae Instituto Archaeologico (col. *Archaeologia Traiectina*, II).
- MACLAUGHLIN, S. M (1990) – “Epiphyseal Fusion at The Sternal End of the Clavicle in a Modern Portuguese Skeletal Sample”, in *Antropologia Portuguesa*, 8: 59-68.
- MOITA, Irissalva (1968) – “Achados de época romana no sub-solo de Lisboa”, in *Revista Municipal*, Ano 19. N.ºs 116-117. Lisboa: pp. 33-71.
- MURALHA, João; COSTA, Cláudia; CALADO, Manuel (2002) – “Intervenções Arqueológicas na Encosta de Sant’Ana (Martin Moniz, Lisboa)”, in *Al-Madan*, 2ª série nº 11. Almada: pp. 245-246.
- NOLEN, Jeannette U. Smit (1994) – *Cerâmicas e Vidros de Torre de Ares Balsa*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura, Instituto Português de Museus.
- Olivier, Gean-Pierre, *et al.* (1978) – New estimation of stature and cranial capacity in modern man. *Journal of Human Evolution*, 7(6): 513-518.
- ORTNER, Donald (2003) – *Identification of pathological conditions in human skeletal remains* (2ª ed.). Amsterdam: Academic Press.
- QUARESMA, José Carlos (2012) – *Economia Antiga a partir de um centro de consume lusitano. Terra Sigillata e cerâmica africana de cozinha em Chãos Salgados (Miróbriga ?)*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (col. *Estudos & Memórias*, 4).
- RIBEIRO, Inês Sofia Alves (2010) – *A Terra Sigillata Hispânica da Praça da Figueira (Dissertação de Mestrado em Arqueologia)*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa (policopiado).
- RÜTTI, Beat (1991) – *Die Römischen Gläser aus Augst und Kaiseraugst*, vol. II, *Katalog und Tafeln*. Augst: Museen und Archäologie des Kantons Basel-Landschaft (col. *Forschungen in Augst*, 13).
- SANTOS, César Renato (2012) – *As cerâmicas de produção local do centro oleiro romano da Quinta do Rouxinol (Dissertação de Mestrado em Arqueologia)*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (policopiado).
- SEPÚLVEDA, Eurico; VALE, Ana; SOUSA, Vítor; SANTOS, Vítor; GUERREIRO, Natalina (2002), A cronologia do circo

de Olisipo: a Terra Sigillata”, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol.5, fasc.2. Lisboa: pp. 245-275.

SILVA, Ana Maria (1995) – “Sex assessment using the calcaneus and talus”, in *Antropologia Portuguesa*, 13: 107-119.

SILVA, Rodrigo Banha (2002) – “As sepulturas da Calçada do Garcia e o urbanismo de Olisipo”, in *Actas do 3º Encontro Nacional de Arqueologia Urbana (Almada, 20 a 23 de Fevereiro de 1997)*. Almada: Câmara Municipal de Almada (col. *Monografias Arqueologia*), p. 193-205.

SILVA, Rodrigo Banha (2005) – *As “marcas de oleiro” em terra sigillata da Praça da Figueira (Lisboa): uma contribuição para o conhecimento da economia de Olisipo (séc. I a.C. – séc. II d.C.) (Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Arqueologia, especialização em Arqueologia Urbana)*. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais (policopiado).

SILVA, Rodrigo Banha (2012) – *As «marcas de oleiro» na terra sigillata e a circulação dos vasos na Península de Lisboa (Dissertação de Doutoramento em História, especialidade de Arqueologia)*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (policopiado).

SILVA, Rodrigo Banha; VALONGO, António (no prelo) – “Ocupação romana na Rua do Ouro”, in *CIRA Arqueologia*, n.º 5. Vila Franca de Xira: Museu e CEAX – Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira.

VALE, Ana; FERNANDES, Lídia (2002) – “Intervenção arqueológica na Praça de D.Pedo IV (Rossio) em Lisboa”, in *Actas do 3º Encontro Nacional de Arqueologia Urbana (Almada, 20 a 23 de Fevereiro de 1997)*. Almada: Câmara Municipal de Almada, Divisão de Museus (col. *Monografias Arqueologia*), pp. 109-121.

VIEIRA, Vasco Alexandre Correia Noronha (2012) – *As lucernas romanas da Praça da Figueira (Lisboa: contributo para o conhecimento de Olisipo (Dissertação de Mestrado em Arqueologia)*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa (policopiado).

WASTERLAIN, Rosa Sofia (2000) – *Morphé: Análise das proporções entre os membros, dimorfismo sexual e estatura de uma amostra da colecção de esqueletos identificados do Museu Antropológico da Universidade de Coimbra. Dissertação de Mestrado em Evolução Humana*. Coimbra: Departamento de Antropologia, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. [policopiado].



Figura 1 – Localização do Edifício 84 a 90 da Rua das Portas de Santo Antão, Lisboa. Excerto de CMP:431 Esc.: 1:25000.



Figura 2 – Tipologia das Sepulturas Estruturadas com cobertura (à esquerda – Sepultura 3 e ao centro – Sepultura 4) e em Covacho (Sepultura 2). Destaca-se ainda a presença de estuque branco nas paredes interiores da Sepultura 4 (ao centro).



Figura 3 – Conjunto votivo da Sepultura 1, destaca-se à direita em cima o prato em terra *sigillata* clara africana da forma Hayes 50A/B em C1/2, em cima ao centro uma pequena bilha em pasta regional caulínica, assimilável aos típicos fabricos da olaria da Quinta do Rouxinol.



Figura 4 – Conjunto votivo da Sepultura 3.



Figura 5 – Conjunto votivo da Sepultura 6.

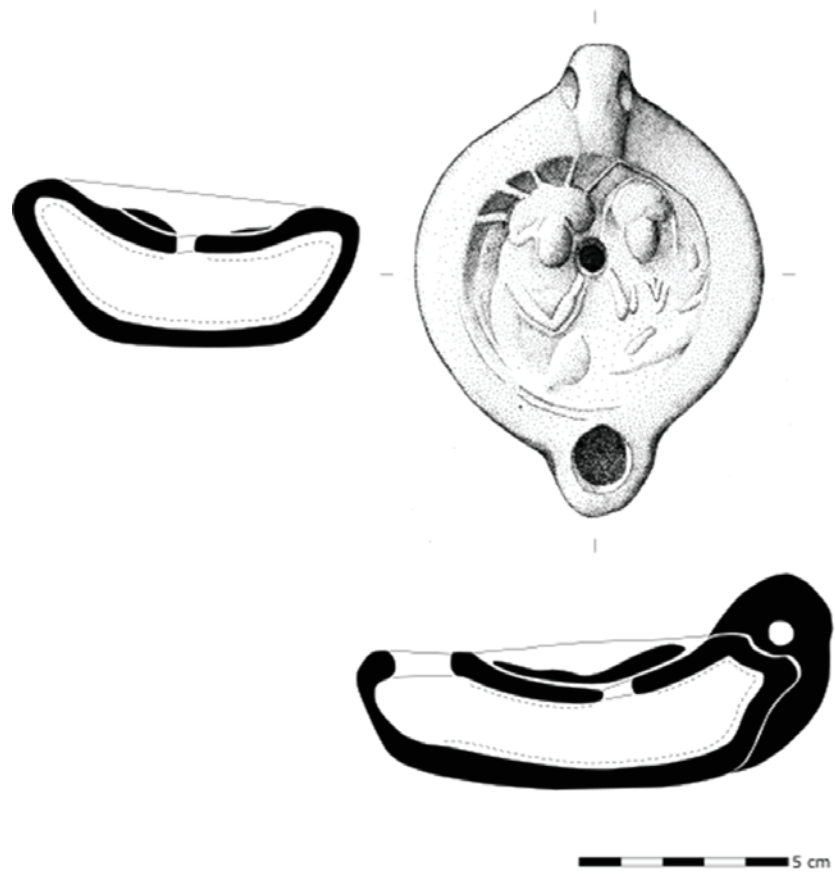


Figura 6 – Estampa de lucerna Dressel 27-28.



Figura 7 – Plano geral do indivíduo [610] da sepultura 1.



Figura 8 – Indivíduo [610] da sepultura 1 *in situ*.

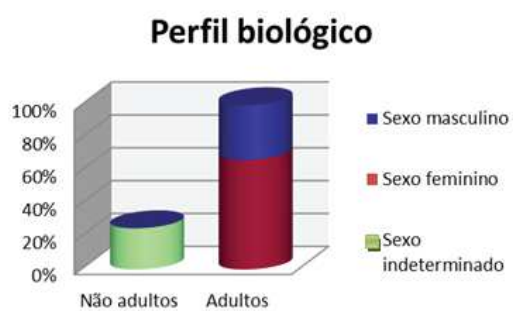


Figura 9 – Perfil biológico da necrópole da Rua das Portas de Santo Antão.